



## OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Proprietária—Casa do Gaiato do Porto—Paço de Sousa

DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares—R. Santa Catarina, 628-Porto

Continuamos a dar à estampa os textos das palestras que foram lidas naquele dia, com religioso interesse. A doutrina social, não devia ser tanto obra de códigos como da consciência de cada cidadão. Todo o homem que não se obriga a si mesmo em matéria social, pouco vale o que é praticado, obrigado.

Falta-lhe a boa vontade. Falta-lhe o conhecimento da sua missão neste mundo. Falta-lhe a noção da responsabilidade. Com a ignorância destes princípios, começa a construir uma vida falsa e acaba por cegar. Tenho topado muitos «cegos» destes no meu ofício de mendigo, e «cegas» também. São os piores, porque não querem ver. Faz pena escutar esta classe de gente. Pena pelo que sofrem. Pena pelo que fazem sofrer. São legião. Legionários da fome.

Eis o que se disse na Orsec:

Ouvintes desta estação emissora, como quizera eu que nesta hora não houvesse interferência de outras, para que a minha palavra pudesse chegar aos vossos ouvidos tão límpida e tão eloquente como sai do meu peito! Sim, bem quizera que assim fosse. Venho trazer a tua casa, por esta maneira, a notícia da obra social que a nação «Casas do Gaiato». O nome é de si mesmo uma inteira definição. As Casas são deles, para eles, governadas por eles, logo que atinjam dentro delas a idade do discernimento.

É uma obra que recebeu inspiração no conhecimento actual de quanto sofre a criança abandonada dentro dos tugúrios, dos pardiéis, a dormir nos beirais das casas e nas retretes públicas. Sem família, sem carinhos, sem amigos. Entregues absolutamente a si mesmos, desprevenidos, enganados na rota.

O sol das casas do Gaiato, nasceu na vila de Miranda do Corvo, a uns trinta quilómetros da cidade de Coimbra, nos primeiros dias do ano de 1940. Foi uma descoberta que se fez, no centenário das descobertas. Eu sabia a história de muitas dezenas de miúdos daquela formosa cidade,

narradas por eles mesmos, com lágrimas belas a rolar nas suas faces angélicas. Sabia das suas privações, dos seus tormentos, do seu abandono, a dormirem nos portais das casas, corridos de toda a gente. E conhecia, sobretudo, os vícios de que eram portadores. Sem pedir licença a ninguém e com dinheiro emprestado, comprei para eles uma pequenina quinta e casa de moradia, a dois passos daquela vila. Arranjei a indispensável mobília. Falei a uma governante. Dei à nossa casa toda a graça possível e no dia 7 de Janeiro daquele mesmo ano, instalei os três primeiros pequeninos, que pela primeira vez na vida, se deitaram e dormiram num leito de lençóis lavados! Tão fracos do estomago por hábitos de má alimentação, que não foram capazes de comer a ceia muito bem feita que se lhes havia preparado! É muito vulgar este fenómeno em nossas casas. Temos de lhes servir doses muito pequenas, para os habituar pouco a pouco à comida racional, própria da espécie humana. Muitos, são verdadeiros animaisinhos. Só depois de muitos dias de trabalho é que eles começam a tomar o gosto de dormir em camas, e de usar talher à mesa.

Os pequeninos pioneiros de Miranda, começaram a encontrar dias felizes, alguns meses depois de viverem no que é hoje a casa deles. No fim do primeiro ano, eramos já um rancho de dezoito e no ano seguinte, tínhamos trinta e cinco camas armadas e ocupadas. Todo o trabalho da casa, segundo o nosso sistema, era obra das suas mãos. Tínhamos uma pequenina casa agrícola, com dois hectares de terreno, cultivado pelos ontem vadios da rua, na obediência do seu chefe, tamanho como os chefiados. A iniciativa de cada um, trouxe dentro dos muros da nossa pequenina quinta toda a sorte de aves e animais domésticos, que eles zelam com verdadeiro amor. Não faltam as ferramentas, as alfaías agrícolas. Comprou-se um boi para lavar as geiras. O Chefe lança a semente às terras. A vida desenrola-se em nuvens de alegria infantil. Os cozinheiros, os refeiteiros, o padeiro, tudo no seu posto, a tempo e horas. Temos uma escola.

O nome da casa de Miranda

espalha-se. Os gaiatos da Casa levam-na aos quatro ventos. Eles veem de fora ter à nossa porta, a pedir que os deixem entrar e ser da comunidade. Foi então que se pensou em alargar a Obra, e a cidade do Porto, foi escolhida, em hora muito feliz.

Levantou-se em Paço de Sousa o primeiro reduto de amor, que dista a 25 quilómetros da cidade. Quem pretender salvar a criança da rua, o primeiro passo que tem a dar, é justamente retirá-la das proximidades da rua. Começamos a construir a nossa Aldeia, nos primeiros dias de Abril do ano passado. Já temos sete vivendas construídas. Casas de granito sobrias, esbeltas, cheias de luz, todas a falar português. Mas o plano geral da aldeia, inclui dezanove edifícios, com escola, oficinas, enfermaria, capela, balneários e campos de jogos, sem falar na imensa quinta, onde temos já muitas vacas e bois e carneiros e porcos e galinhas e perus e coelhos e pombas; a mais sã companhia dos setenta gaiatos que já hoje somos.

O sistema de educar é precisamente o mesmo de Miranda. De lá vieram, até, os primeiros mestres. Nós não queremos intermediários entre nós e os nossos pequenos. Quem quizer fazer monstros destas crianças, é colocá-las nas mãos de empregados sem inteligência nem preparação. A obra é deles, para eles, por eles.

O nosso cuidado está em orientar os seus naturais chefes, saídos também da rua, que são justamente quem trata e cuida imediatamente da comunidade dos pequeninos irmãos. O pequenino da rua, posto assim à vontade, manifesta-se, possui-se, toma gosto pela vida, é feliz.

Temos um ano de vida em Paço de Sousa. Somos hoje setenta. A aldeia tem capacidade para uma população de 250. A criança da rua, não pode ser repudiada. Ela é nossa. É de cada um de nós. É um património da Nação.

Eu pretendo que me ajudes a furtar homens ao banco dos réus. Que me ajudes a construir mais casas dentro dos muros da nossa aldeia. Nós não pedimos esmola. Os nossos rapazes trabalham mais de oito horas por dia. Comemos o pão com o suor do

nosso rosto; o trabalho não necessita de estender a mão a ninguém. O trabalho é moeda forte; é a legítima defesa da miséria. Só queremos que ajudes os nossos rapazes a construir depressa

para assim poderem, eles mesmos, por si mesmos, salvar crianças da rua e edificar com os portugueses, um Portugal melhor.

## Uma comunicação

Comunica-se à madrinha do Pepe que em Miranda se recebeu, antes do Natal, a encomenda postal com as coisas indicadas.

Chamei o Pepe ao meu quarto e mostrei-lhe a sua carta. É ele mesmo que responde, no seu falar de estrangeiro. Madrinha e afillado, por razões diferentes, vieram aquentar-se ao sol de Portugal!

«Minha madrinha. Agradeço de me mandar dizer o que eu queria. Em vez de bôlos e outras coisas para comer, queria um relógio de pulso. Muitos abraços do seu afillado muito amigo Pepe».

Tantas senhoras de Espanha que moram em Portugal, algumas com fortunas desastradas, feitas no meio de nós, e vem uma senhora Nórdica, viúva e remediada, interessar-se pela vida do Pepe, o mártir duma guerra abominável, porque de irmãos!

Oh terra das castanholas, que assim esqueces os teus!

Se o relógio vier, será uma graça para o rapaz e para mim uma desgraça. Quem há-de aturar a malta: Senhor Padre Américo, um relójinho!

Já estou mesmo a ouvir a cantilena dos mais espigados. Será a primeira peça de categoria a aparecer na nossa aldeia!

## Esfinge eloquente

Lá estava no cofre do Alexandre de Almeida, dentro de uma caixa, datada de Lisboa, 25 de Dezembro de 1944:

«Infinidamente grata pelo muito que lhe devo, ofereço ao meu Senhor».

Era uma formosa jóia de ouro com o peso de 52 gramas.

Quem não ler esta notícia com os olhos rasos, não compreende.

# POBRES DE CRISTO

Fomos visitar os pobres do costume. Eu não fui porque estava aleijado dum pé e não podia andar, foi o Presidente.

O de Bairros veio cá buscar a esmola, como costuma vir. Comeu cá em casa porque veio à hora de jantar. O de S. Lourenço ainda não recebeu a roupa que pediu. Tinha muito gôsto em dar-lhe essa roupa que êle precisa. O do Assento já lhe concertaram a cozinha, foi o Senhorio. Tinha de a concertar se não, não recebia o dinheiro da renda que êles estão a pagar. Parece que é 5\$00 ou 10\$00 escudos. Mais uma vez peço aos leitores se me podem arranjar a roupa para o filho desta e para o de S. Lourenço. Com isto termino e estimo que tivessem um Novo Ano prospero e feliz.

O secretário,  
José Eduardo

A voz deste simpatico garôto de onze anos, ontem nas ruas, a lograr e a lograr-se com o tostãozinho, é hoje força, poder, magestade, vida renovada. Como é possível fazer tanto com tão pouco? O Evangelho!

Melhor fora aos leitores de «O Gaiato», em vez dos espantos e das discussões da obra, compreenderem que é sómente em nome de Jesus de Nazaré que a centena de aleijados que nos vieram ter às mãos, caminham hoje sem muletas e fazem acrobacias, como o José Eduardo. Melhor thés fóra!

POBRES DE CRISTO, é a leitura que eu mais amo neste jornal. É a página do verdadeiro amor.

O Nome. A aplicação. A verdade. A alegria do pequenino visitador. A consolidação do visitado. O sentimento das testemunhas. O sinais certos da vitória! Senhor, que eu nesta veja sempre luz!

## Um escandalo

Foi em Paço-de-Sousa, no dia de Reis. Houve jantar de perú. Em regra, aqueles e aquelas que nunca fizeram nada, parece-lhes que fariam melhor "se" fizessem alguma coisa, e daí nascem graves críticas e reparos.

"Olha agora os Gaiatos a comer perú".

As críticas, mesmo mal feitas, servem para aguçar pontos de vista e fazer doutrina. Ei-la:

Não se compraram as aves; foram oferecidas por alguém, para êste fim. Temos de respeitar a vontade dos doadores, quando ela não vai contra a lei. Ora não há nada que proíba o garôto da rua de comer perú.

Segundo ponto. Outros aproveitaram igualmente: tivemos nesse dia alguns dos nossos pobres a jantar e um deles, de oitenta e quê de vida, declarou, consolado, ter jamais comido eguaria tão saborosa!

Terceiro ponto: O dia de Reis é só uma vez por ano, nem quero dizer que na próxima festa se lhes dará novamente perú, se não tivermos quem no-los dê.

Quarto ponto. Gosto muito da fábula "O velho, o rapaz, mal-lo burro".

## As nossas merendas

CABARAM-SE agora por algum tempo, as nossas merendas de fritados de ovos; andamos a juntá-los para botar galinhas. Os miudos tomam um grande interesse pelas pintalhas e por tudo, em geral, que seja vida a despertar como a deles.

# Noticias Diversas

O Manuel fugiu. Andou por lá dois dias e regressou. Estava a trabalhar no meu quarto, quando o Tiroliro m'o trouxe pela mão, — sem algemas. O Manuel é um dos muitos que não se quer decidir a trabalhar. É um remédio que nem todos tomam de entrada, mas é o único, o único que os pode curar. Pois o Manuel foi muito aconselhado na hora do regresso. Alguns mostravam-lhe os calos das mãos, como argumento de péso.

Ausentei-me por oito dias. Estavam todos à mesa, quando sai do refeitório. Dirigi-me ao lugar do Manuel.

— Quando regressar, encontro-te cá?

— Encontra sim senhor.

— Olha lá!

— Encontra sim senhor.

Regressei. O Manuel está cá, foi a primeira pedrada que me arremessou o Tiroliro.

De outra vez chego de fora. Estava um gaiato sentado num banco um corredor, com um fio amarrado à cinta.

— Que fazes aqui a esta hora?

— Estou castigado.

NO dia de Reis, fizemos de gente rica; comemos peru. O Zézito das capoeiras o tratador das aves, comeu nesse dia na mesa central, à minha direita. Um dos perus pesou 9,250 de carne limpa! O Zézito estava ao pé da balança, a esfregar as mãos de contente: — *fui eu que os tratei!* Pois foi sim senhor, por isso mesmo comeu o melhor bocado. Este rapaz foi um dos que fugiu. Andou por lá 3 dias e regressou. Cantar vitórias, não; é cedo. Mas um nadinha de optimismo não faz mal nenhum à obra.

NÃO é noticia das nossas casas, esta que passo a dar, mas é do timbre de O Gaiato. Houve uma grande festa na Universidade de Coimbra e algúem, em muito boa hora, mandou os sobejos às *Creaditas dos Pobres* como elas se chamam e *Irmãzinhas*, segundo os Pobres dizem. É costume dos lentes, quando há festas, encomendar os doces às *senhores da Praça Velha*, por tradição; umas doceiras daquelle tempo onde ainda não chegaram as matérias corantes. As coisas boas não se pintam.

Eram cestos de doçaria.

Algumas pudins finos, absolutamente intactos. As *Creaditas*, gostam de dar mimos aos Pobres. Elas também gostam de mimos, e é precisamente daqui, que lhes vem o gôsto de dar. A fórmula é simples, luminosa, cheia de beleza: — *fazer aos outros o que gostamos que nos façam a nós.* Pois elas saíram da sua morada, munidas dos delicados presentes. Não valem pela matéria de que são feitos, mas sim pelo carinho com que são oferecidos. É uma sementeira de migalhas de amor. O Evangelho traduz-se todo naquela palavra.

Entraram em muitas casas naquele dia faustoso, e deixavam doces deconcente as circunstanças. Em algumas delas foram tão perfeitas, que os Pobres só depois davam fé do que tinha ficado sobre a mesa! Numa destas ficou um pudim. Um pudim guardado, tentador, delicioso. O dono da casa, um humilde trabalhador, vai muito depressa ter a casa das *Irmãzinhas* e irrompe: *Minha eu não era capaz de fazer aquilo. Eu comia tudo. Eu queria tudo para mim.* E logo a seguir, um nada mais sereno, o humilde trabalhador continua com as suas palavras de ouro: *Com certeza as Irmãzinhas têm um sentido da vida que não é dêste mundo.*

Quem tiver ouvidos de ouvir que oiga.

OUTRA noticia daquelas que não vem nas gazetas, e é pena.

Aqui há tempos subia o Chiado, de noite. Meano encostadinhas à vidraça de certa montra, estavam avô e neta, a comer rancho duma caçola, andrajosas em extremo. A luz da vitrine dava-lhes em cheio e alumiaava dois quadros: ao pé dos andrajos de fora, havia dentro jaquetas de 30 contos. Uma simples vidraça a dividir o mundo! Sim, digo bem. Dividir. Por quanto ao que eu vejo e oigo por êsse mundo, afigura-se-me que não se importam muito de assegurar, antes, vestidos de chita às avós e às netas,

os que agora entram naquelas lojas, a comprar a derradeira palavra dos agasalhos. Ora aqui é que está todo o mal. Aqui a divisão.

Senhores e Senhoras do fausto; ningúem vos leva nem pode levar a mal a sumptuosidade de vida, se dais aos Pobres em relação. Eu sou e acudo pelo progresso comercial, pelos enfeites da sociedade, pelos requintes de vida, sempre que isso não vá de encontro aos direitos e necessidades dos irmãos. Oude reinar êste espirito, podem haver peles, sim, mas não há divisões.

## O que foi a comemoração do Natal nas Casas de Coimbra

SENDO certo que o dia de Natal é o vinte e cinco de Dezembro, segue-se que foram meramente simbolicas as festas da Casa de Miranda e do Lar de Coimbra. Ora eis de como elas foram: — Após o levantar da mesa e enquanto os Gaiatos de Paço-de-Sousa discutiam os derradeiros pinhões, virei costas à Comunidade a caminho de Coimbra, mesclado das saudades de quem parte e do prazer de quem chega, que uns e outros são filhos. O rapido estava à minha espera em S. Bento. Não havia lugares na bilheteira, mas houve um para mim na carruagem. Tudo facilidades. O vento apanha a lenha dos que servem o Senhor! Quere dizer; Deus jamais falta às promessas. Não pode faltar. Seria o desmoronamento universal. São, até, as suas promessas que dão coesão, finalidade, sentido verdadeiro à vida. Gosto de me encher a mim mesmo destas verdades, para encher delas os leitores do erudiado Gaiato.

Era noite quando cheguei. Tinha caído neve em Coimbra e deixado frio nos transeuntes daquela hora. Preparei-me no dia seguinte com as prendas do estio, para fazer a entrada na Comunidade de Miranda. O simbolo dizia respeito ao dia, que não às prendas da festa. Entre outros artigos, comprei 4 dúzias de piões com suas faniqueiras no *Bazar do Pôrto*, em Coimbra. Talvez seja por via do nome da Casa, que o dono dela me disse: *olhe, os piões ofereço eu e esta nota, a minha Mulher.*

Munido das coisas, tomei um automóvel. A hora do comboio vinha longe e eu tinha pressa; pressa de chegar a casa. Chegar com sol. Ver e ser visto. Foi um momento de raras emoções: — Noticias que todos querem dar ao mesmo tempo; perguntas que fuzilam; desejos de saber o que vem nos pacotes. Alegria, interesse, anos verdes, amor à vida.

O Bucha gritou: — *a nossa ovelha pôz uma ovelhinha! E' tôta branquinha*, diz o Umberto. O Joaquim desaparece e num instante regressa com ela ao colo: *olhe!*

Estive um dia e vivi tôdas as horas. Os mais pequeninos ficam no leito, por causa do frio que faz, e o Adriano leva-lhes as sopas a hora conveniente.

HOJE houve em nossa casa um grande barulho no dormitório dos mais pequenos, entre o Manuel de Anadia e o Arlindo do Pôrto, ambos na casa dos seis, por causa das listas de um cobertor. Ambos queriam a mesma peça. Ambos gostavam de encarnado dos riscos. Pegaram-se. Houve pranto. O sangue jorrou do nariz de Arlindo.

Vieram visitas naquela hora.  
— Ai tanto sangue!  
— Oh meus senhores, nós já estamos afeitos.

O correio de hoje trouxe uma carta, a primeira, com o envelope quasi em forma. Dê-se-me o nome do Assistente da Casa do Gaiato. Digo quasi porque se qualifica ali o título de *dignissimo*, e não é assim. Ningúem é digno de assistir a uma obra dêste teor. É tudo por misericórdia de Deus. Espero que nas cartas seguintes sempre, veja o título de assistente nu e cru. É mais simples. É mais verdadeiro.

O Adriano veio de Tomar, onde andava esquecido, sem família nem ocupação. É' nosso há dois anos. E' o actual roupeiro, posto que recebeu do Baltasar, e tem por ajudante o Carlos, a quem chamam o Negro por ele ser muito moreno. Conheci o Carlos nas ruas de Coimbra, a guiar os passos de sua mãe afflicta, que foi um dia ao Instituto do Cancro buscar o desengano e trouxe para casa a morte.

Ele há doenças que são ironia permanente ao progresso das ciencias e fonte de compaixão aos que sabem consolar.

Nós andamos muito atrasadinhos em matéria de assistência,—mesmo muito.

N'outro dia, em Lisboa, passei ao pé de uma mulher do povo, que seguia caminho em aparente sofrer. Era de Vizeu.

— Vou ao curativo.

— Aonde?

— É' muito longe. É' no Instituto.

E disse-me do cancro que tinha no peito; de como dormia por esmola numa barraca; de como mendigava o pão pelos vizinhos pobres. *Vou a pé, senhor padre!* Tão magrinha, tão mortificada, tão andrajosa! Sem pão, sem abrigo, em Lisboa e sôsinha!

Afastei-me de ao pé dela com vontade de chorar.

Estas verdades escondidas, mostram as mentiras que se dizem, que se escrevem, que se veem, que se lê muito mais fácil *ver* e acreditar nestas, do que procurar e sentir aquelas. Mas vamos ao assunto. De Miranda tomei o comboio da Luzan e festejei outro natal no Lar dos ex-Pupilos dos Reformatórios.

Houve um perú, que fez canja e deu prato. Tivemos fruta e doce. Café, vinho e tabaco. Sim. Fumou-se e eu também fumeguei. O nosso rádio tocou e falou de tudo menos da guerra. Detesto a guerra, mal-las noticias e as conversas. Quero a paz. Trabalho pela paz. Sou pacifico. Este foi o ponto final das comemorações natalicias.

Deixei os meus filhos do Lar a mastigar o derradeiro bocado, e fui agarrar o comboio de prata para a capital do Norte, novamente mesclado de saudades dos que deixei agora e anseio de ver os que ontem deixara.

O coração que te não podes partir, para onde vais levas tudo!

# CARTA DO QUE NÓS VENDA DE LISBOA NECESSITAMOS DO JORNAL

## A CASA DO ARDINA

«O ardina já não é egoísta! Lembra-se dos outros!...»

Ainda há pouco te falamos da maneira cristã como os ardinhas da «Casa» foram ajudar as «Madrinhas dos Ardinhas» na distribuição de camisolas, presentes, consoadas.

O nosso Anibal deu quanto tinha aos irmãos do Rocha, que é mais pobrezinho do que ele...

Mas há mais, muito mais...

A Ordem Terceira de S. Francisco a Jesus enviou-nos 13 bons cobertores de papa para os nossos rapazes. No «Dia de Natal», junto do Presépio (armado e decorado pelos ardinhas. A gruta feita simbolicamente de jornais...) distribuíram-se os cobertores pelos mais bem comportados no último período de actividade ardina.

Ficou um por distribuir. Eram trinta a precisar d'ele... Hesitamos. Deixamos para mais tarde a solução do problema, à espera de mais... cobertores. Passa-se uma semana. Em dia de Ano Bom, a encher-nos a alma de consolações e esperança o José Francisco, arauto generoso, de todos os da «Casa», pede nos: «Dê o cobertor ao Carlos Alberto. Ele é quem mais precisa, dorme no chão, num chão de terra, numa casa de pedra e tem muito frio...»

E logo o côro acrescenta:

«Dê o cobertor hoje mesmo, é ele o que tem mais frio de todos nós...»

Nem podíamos responder, contentes com eles, e o côro só se calou, quando ouviram:

«Já se sabe que damos, melhor: vocês todos vão dar o cobertor ao Carlos Alberto.»

Este não cabe em si de alegria e resolve levantar-se a agradecer, mas, na precipitação diz: Em nome de todos agradeço... Todos riram, e ele sem se perturbar emenda: «Agradeço a todos os meus colegas...»

Novo Ano! Bom começo!

Boas Entradas! E' o que lhe desejo e a quantos nos veem ajudando junto do ardina.

E' o que te desejo, «gaiato» amigo!

Os ardinhas lembram-se dos outros! Eles que tem sido tão lembrados!... que em 1945 não esqueçam os outros, nem sejam esquecidos!...

E' o que esperamos...

MARIA LUISA.

## Dia de anos

Deliberei não mais publicar nomes e datas dos que fazem anos, como antes fazia, para não despejar certa casa comercial do Porto. Mas o Periquito anda aqui sempre atrás de mim: «ponha no jornal. Eu faço anos no dia 12". E aqui estão nome e data. Já fez, mas torna a fazer no dia em que chegarem as prendas.

ESTE NÚMERO DE  
"O GAIATO"  
FOI VISADO PELA  
COMISSÃO DE CENSURA

Mais 400\$ de pessoa amiga, mais 100\$ de Braga, mais 100\$ no Banco do Porto, mais brincos e anéis de ouro, deixado em casa de alguém em Coimbra, mais 100\$ no Depósito, de um voto, mais 20\$ quando eu ia tomar um café; mais duas notas de 2\$ no Passeio das Cardosas, de alguém que sorratamente as enfiou nas minhas mãos, à falsa fé; nunca tal me aconteceu! Mais 104\$, — produto de uma subscrição numa ceia do Natal. Mais 25\$, o produto de uma subscrição que abri entre os meus camaradas de escritório. A grandeza moral destes blocos, sobreleva a maravilha dos usados nas Pirâmides do Egipto! Um dos nossos pequeninos cicerones, conduziu à aldeia uma família pobre que nos veio visitar; são tão pobres e deram-me isto para as obras, exclamou. Eram 7550. Não são de cimento armado, as casas da nossa obra; são migalhas do povo! Mais uma bolsa de prata e 20\$, no Depósito. Mais idem, ouro de Lamego. Mais 50\$ de Anadia. Mais outro tanto de Coimbra. Mais 803\$, pelo «O Comércio do Porto». Mais 100\$, do Porto. Mais 20\$ de O. de Azemeis. Mais 20\$, idem. Mais de Lisboa 100\$, e 20\$ Mais de Visitantes roupas e queijo, e 200\$ e 150\$, e 50\$, e 20\$. Mais da rua do Salitre 1 pacote de roupas preciosas feitas em casa, e mais um dito, e mais um dito da Maia. Mais 33\$ de um grupo de antigos alunos da escola Mousinho da Silveira, para o Gaiato que frequenta esta escola. E' o Júlio d'Elvas. Para melhor o proteger, aluguei casa no Porto. Ele há Pais que se mudam para as cidades, com mira nos filhos que estudam, e ninguém lhes leva isso a mal. Espero que a mim também não. O Zé Alguem anda à porfia com o Zé Ninguém n.º 2 do Porto e com o Zé Ninguém de Lisboa e com o Zé sem mais nada, também do Porto, e até com o Zero, que há dias me apareceu. Estes todos e o do rôlo das notas de cem nos peditórios do Porto, e aquele dos cinquenta contos no Banco, todos estes Senhores, mudos e silenciosos, dão grandes lições ao mundo, assim como quem brinca e a mim igualmente. Pelo que a seu tempo, não de receber a sua mercê.

Mais 100\$ do Porto; mais entregue no Depósito tres bolos-rei da Arcádia. Mais uma data de peugas. Mais outra data das mesmas. Mais 52\$50 de uma subscrição. Mais um lindo barco à vela de um apaixonado. Mais mil escudos. Mais uma pancadaria de pacotes de roupas usadas e um, especialmente com artigos próprios da nossa enfermaria e roupas para uso do enfermeiro e dos doentes. Mais uma

Tem sido agora tudo queimado pela neve. Cá em casa esta tudo estragado. Nabos, couves, troxudas, etc.

Esta ultima vez caiu uma camada que teria um palmo de altura. Isto não é nada, quando ela chega até um metro de altura é que é. Apareceu mesmo agora o Mario do Porto a dizer: Oh! Senhor Padre Américo fiz um coelho com a Neve!

peça de flanela de algodão. Mais 20 cobertores do mesmo material. Mais um Rádio para a casa do Porto.

Nunca se topou agencia que tanto trabalhasse para a causa dos Esquecidos da rua, como trabalha o Depósito, por amor deles!

Mais mil escudos da Rainha do Tejo.

De Matozinhos, recebemos de quando em vez telegrama de aviso e no dia seguinte vamos à estação d' Cete por uma caixa de sardinhas. E' uma oferta limpa e completa. Vai logo um dos nossos com um carro de mão, o delirio dos catraios, buscar a dita caixa do delicioso peixe. As merendas são de apetite. E' só por ser comida de pobres, que as mesas ricas não as querem e até ultimamente, tem feito delas estrume,—por ser comida de pobres!

Senhores da Traineira; nós somos pobres e comemos sardinha. Bem hajam pelo bem que nos tem feito.

Continuando a falar de sardinhas e da maneira como a gente as come, vem a propósito contar de como foi o jantar de ontem. Foi assim: O Constantino coseu uma enorme panela de batatas e o Carlos fez uma caldeirada de trás-da-orelha. Vieram os dois panelões para o refeitório. Luciano servia batatas e Constantino, sardinhas. Os pequeninos serventes, vinham com um prato em cada mão e nomeavam, para serem servidos consoante tamanhos e idades. Ora a graça toda está aqui; é que eles não dizem nome, mas sim alcunhas. Este é do santinho de pau e este é da mãesinha, ouvi eu dizer a um dos serventes, quando apresentava os pratos! Quem vem a ser este santinho de pau? E' um rapaz que ainda não perdeu de todo o semblante da antiga pedincha e faz carinha piedosa, de cabeça inclinada, quando pede aos companheiros qualquer coisa; daí vem o santinho de pau!

Mais do Estoril uma caixa com 70 pentes. Bem haja quem assim se lembra de nós. Outro presente muitíssimo apesariado e útil, foi um dos sabonetes pequeninos, coloridos, muito aromáticos. Os nossos catraios recendem agora.

Figos do Algarve! Quem nos manda ceiras deles? Temos tantos assinantes naquele reino, mas parece que não sabem ler ou não leem o do que nós necessitamos! Dão ótimas merendas.

Mais 50\$ de Baltar. Mais 100\$ de Setubal. Mais mil escudos do Porto. Mais 50\$ idem. Mais os costumados 50\$ do pessoal da Vacuum. Mais 100\$ do Porto e da mesma terra mais 20\$. Mais roupas de lã feitas em casa.

## A NEVE

Mandou-o logo vir-mo entregar para eu por no "Gaiato".

Quería fazer outra coisa mas estava muito frio e não fez. Os montes nestas redondezas estavam

Aquela manhã nascera de uma noite de geada sem igual. De vespera, sábado, tinham ido os irmãos Julio e Amadeu; e agora, de cascole e sobretudo, saíram o Luciano, o Oscar, o João, o Lisboa, o Periquito e o Gari. Felizmente que pudemos ageitar um sobretudo para cada um deles. Receberam ordens de tomar em comum o pequeno almoço e de aceitar um copo de leite, mais tarde, de algum Senhor que porventura quizesse oferecer como de facto aconteceu.

O Zé sem mais nada, como o próprio Luciano o designa, convidou-o para almoçar ao que éle, Luciano, respondeu agradecendo, mas que não: temos hoje arroz de peru. O peru do escândalo!

Chegaram a casa às 4 da tarde. O Domingos, mal os viu, foi logo pôr a mesa e servir. Em seguida, o mesmo Domingos que é um dos refeiteiros, vem ao meu quarto perguntar se lhes podia dar um daqueles «bolos que os visitantes deixaram para nós.»

—Sim; podes.

A venda não foi das mais animadas, talvez por irem poucos. Na próxima, conto mandar os dez. Fazia muito frio. Não quiz expôr os mais pequenos.

O João despachou 3 livros, deu cinco senhas de sopa e pão, trouxe 2 novos assinantes, vendeu 112 jornais e entregou 19\$00 a mais.

O Gari deu senhas, vendeu livros, recebeu 2 assinaturas, despachou 59 gaiatos e deu 4\$20 a mais.

O Oscar não trouxe assinantes, mas despachou 140 jornais e vendeu 3 livros e deu de comer e entregou a mais 4\$50. O Lisboa vendeu livros e despachou 40 numeros do jornal e trouxe 15\$00 de acrescimo.

O Periquito trouxe 3 assinaturas, vendeu 70 jornais e deu 2\$00 de sobras. Não vendeu livros, o pas-madinho!

Luciano vendeu 81 jornais e um livro e entregou 13\$80 a mais.

Os dois irmãos Julio e Amadeu, venderam 613 jornais e trouxeram 153\$00 a mais e uma esmola de 50\$00 entregue ao primeiro e deram de comer e venderam 4 livros e angariaram 6 assinaturas e chegaram chumbadinhos das perguntas que lhes fazem, pela natural simpatia que irradiam.

Também foram à vila de Paredes o João mai-lo Oscar.

Venderam 30 jornais cada e 4 livros.

branquinhos pareciam lençois a covar. Lá muito longe o monte de Calves onde os gaiatos vão ao mato lá estava coberto de neve.

Os mais pequenitos de ca da casa ficaram na cama até as nove horas. Mas, os maiores levantaram-se as sete e meia. E' o costume. Com isto acabo porque são horas de ir para a escola.

José Eduardo.

# NOTÍCIAS DA CASA DE MIRANDA

**P**ARA não tirar o sabor nem a graça, respeita-se a matéria e a forma que o gaiato usa no que escreve. Este João Carlos é de Lisboa.

Há mais 3 irmãos nas nossas casas.

**C**OMO tínhamos combinado mandamos consertar já os telhados dos pobrezinhos do Carapinhão. O primeiro pobrezinho dizia que Nosso Senhor é que nos havia de dar tantas glórias no céu como de reais a gente lhe tem dado na terra. Mostrou-nos os farrapos que os filhos tinham na cama e dizia que o mais pequenino de noite até chorava com frio. O segundo não estava lá, tinha ido lavar roupa para a fonte. Fomos chamá-lo. Mostrou-nos o telhado que estava todo rótico e o soalho também. Não calculam! Enfim uma miséria. O terceiro também tinha o pedreiro consertava o telhado ela dizia que só Nosso Senhor é que nos havia de pagar. A Ti Inocência estava há pouco tempo um bocado doente. A' porta dela mora um vizinho que a trata muito mal com inveja daquilo que a gente lhe dá.

Tínhamos combinado darmos no dia de Natal alguma roupa que tivessemos aos pobrezinhos mas como não tivemos tempo e estava a cair neve não podemos dar as roupas, mas demos 20\$00 a cada pobre na terça-feira. No dia 31 como houve reunião combinamos o que havíamos dar no dia primeiro. Aos três pobres que têm mais filhos demos 1 quilo de bacalhau, algumas camisolas e outras peças de roupa a cada criança. Aos outros pobres que vivem sózinhos demos meio quilo de bacalhau e alguma roupa de agasalho. Também demos ao velhito do Vale Salgueiro um embrulho que nos mandaram com seis pares de meias e duas camisas e demos pomadas que ele precisava. Não sabemos quem nos deu o embrulho, mas agradecemos muito a generosidade de quem nos mandou. Eramos para dar um pouquinho de azeite aos pobrezinhos, mas fica para outra vez. Os pobrezinhos ficaram muito contentes com a esmola e diziam que só Nosso Senhor é que nos havia de pagar. A horta já tem ervilhas, favas e couves semeadas, quando produzir distribuiremos pelos nossos pobres.

O Secretário,

João Carlos Freitas.

**T**IVEMOS missa do galo, cantada pelos gaiatos. Depois da missa fomos beijar o Menino Jesus e em seguida tivemos filhotes. Na véspera ao meio dia tivemos bacalhau com batatas e vinho à moda de Coimbra e à noite tivemos arroz de pato e mais filhotes.

No sábado fomos ao musgo para o Presépio e no domingo a escolhê-lo. Antes do jantar fomos arranjá-lo. Ficou muito bonito. O que estava mais bonito era a casita onde estava o Menino Jesus e a sua mãe. Ao lado direito estavam os montes de areia lembrando o deserto por onde passaram os Reis Magos e ao fundo estava um quadro que representava as núvens que fechavam o horizonte. A cima via-se o castelo lembrando a cidade de Belém. No dia seguinte muitas

personas puseram lá ofertas e à missa todos beijaram o Menino Jesus. Na sexta-feira, véspera de dia de Reis já lá estavam muitas ofertas no Presépio. No dia de Reis houve o leilão e quem o fez foi o Sr. Francisco, que rendeu quase trezentos e cinquenta mil reis. Os gaiatos também compraram coisas para a Conferência.

No dia em que o Sr. Padre Américo veio a Miranda, nasceu um cordeiro.

O Sr. Padre Américo trouxe-nos piões, barças e um bôlo-rei. No dia seguinte ao jantar comemos batatas com bacalhau e couve e uma fatia de bôlo-rei e vinho. O Sr. Padre Américo também nos deu cigarros de chocolate.

**T**AMBÉM já veio mais um menino de Lisboa e quando ele chegou a Miranda baptizaram-no logo, ficando com o nome de «Quitéria» por ter cara de menina. Também veio um da Covilhã que não conhece o pai, e a mãe está doida num albergue.

Naturalmente na vida dele nunca tinha visto água, no primeiro sá-

**E**STE malcreado é o João Maria, que os leitores conhecem por causa da pimenta. Falava muito mal quando chegou. Em vez de pimenta na língua, deu-se-lhe o Tiroliro por companheiro, que fez melhor obra com



O «Malcreado» da Murtosa, dias antes de entrar para o que é seu

menor dôr. Esta sorte de crianças, ao invés do que ordinariamente se cuida, tem rasgos para o Bem, uma vez induzidos a isso, nos meios onde se encontram. O me-

**C**asa do Gelato 29 de Dezembro de 1944. Licínio dos Santos Eu em Lisboa passei isto. Eu quando cheguei da terra a minha mãe estava casada com um homem eu só estevo com o meu padrasto oito dias ao fim de oito ele morreu e eu fiquei mais a minha mãe ao fim de quinze dias a minha mãe morreu e eu fiquei com a irmã do meu padrasto e depois ela não me conheceu e depois ela batia-me muito e depois as vizinhas tinham muita pena de mim e elas davam-me de comer e depois uma Senhora da minha terra foi lá e ela viu-me todo rótico e a dormir nas escadas e ela levou-me à minha Prima mas ela também era pobre e não me

bado que ele cá esteve fomos todos tomar banho, mas ele com medo da água fugiu para o olival em trajos menores.

Aqui há tempos andava ele a lavrar com os outros e quando sentiu tocar o sineta para o banho, pegou na enxada e fugiu para a vila, só à noite é que o apanharam. De outra vez ele tinha ido com as ovelhas e também era sábado. Quando ele veio com as ovelhas fomos tomar banho e ele pôs-se a fingir que descalçava as botas, mas era para fazer tempo.

Mas ele como não atava nem desatava tiveram de atirá-lo para a piscina mesmo vestido, depois de muito estrebuchar.

**C**AUSOU grande entusiasmo os de Paço de Sousa terem vencido os Encarnados de Cête. Bravo, nunca se deixem perder para honrarem a casa.

Sois valentes, já da outra vez vós tinheis dado uma rôlha. Continuai a jogar e Deus queira que ganheis sempre. Damos parabens aos meninos que meteram os primeiros gooles.

*lhôr educador, no meu parecer, não é de maneira nenhuma aquele que diz, mas sim aquele que faz. Ele deve ser o exemplar sincero do educando. É impossível que os rapazes não acabem por amar o Bem, à força de sentir e observar a rectidão dos actos de quem educa, a menos que se trate de imbecis.*

*Está provado, e é uma verdade eterna, que com os perversos nos pervertemos. E com os justos nos santificamos. É por isso mesmo que nas casas do gaiato não entra quem quere. Eu gosto muito de dizer aos nossos gaiatos, quando tenho de admoestar:—olhai para nós! fazei como nós! Toda a eficácia da emenda dos pequeninos, provém da verdade deste imperativo. Quanto melhores os que educam, tanto melhores os educandos.*

*Ail que se nos estabelecimentos onde esta fauna vive, se lêsse por estas cartilhas, quam felizes não seríamos todos!*

*Outra maneira certa e fácil de educar, é dar. Há muitos educadores que recebem. Não pode ser. Os livros, os tratados, as regras, os aparelhos; até a moral que se ensina,—tudo perde a sua virtude, se o homem que quere ser chamado mestre, não se der incondicionalmente e totalmente aos seus educandos.*

## Palas de um recem-chegado

podia lá ter. Eu andava cheio de bichos e ela andava a servir e levou-me a casa da Senhoras onde ela estava e as Senhoras tiveram pena de mim e vestiram-me e depois a minha prima não tinha cama para me deitar e eu dormia no chão cheio de frio. Mas eu um dia fogi e andava de noite nas ruas e depois um dia um policia levou-me prezo para a

## ASSINATURAS PAGAS

O antigo «José Ninguém», e actual «sem mais nada», tem sido um fervoroso angariador de assinantes. É esta uma das maneiras mais eficazes de auxiliar a obra e também a menos dispendiosa. Mas é necessário «sentir-las» para assim proceder, como efectivamente a sente o simpático amigo, que se esconde por detrás de qualquer nome, com receio de ostentar.

As assinaturas de 1945 começam a chegar. Pena é que muitos assinantes do ano passado, não se ralem nada que outros passem à frente!

Frederico Machado Pereira, da Foz, 40\$00; Maria Manuela Bravo, do Porto, 20\$00; Dr. Francisco de Sena Esteves, do Porto, 20\$00; Maria Vitória Lôbo, do Porto, 20\$00; António Ferreira de Sousa, do Porto, 20\$00; Maria Silvana Aguiar, do Porto, 25\$00; Dr. Júlio Ferreira Constantino, da Cova da Iria, 50\$00; Joaquim Aleixo Pais Vocas de Carvalho, de Montemor o Novo, 25\$00; Francisco Grubeira, para refóço de assinatura, 10\$00; Irene da Silva Rodrigues, para refóço, de Viana do Castelo, 20\$00; Maria Júlia Abranches Hall, de Oliveira do Hospital, 24\$00; Padre Vieira da Rosa, de Leiria, 20\$00; Clara da Silva Lôbo, de Obidos, 12\$00; José da Silva Alves, de Valbom, 25\$00; Manuel Alves Pereira, de Valbom, 25\$00; Alice de Jesus Saraiva, Pêgo de Fozcoa, 25\$00

*Sem transfusão de sangue, não pode haver vida, na vida destes inditos anémicos.*

*E aqui temos o sermão que me propuz hoje fazer, a propósito do*



O dito malcreado com o Tiroliro seu mestre de moral

malcreado da Murtosa, o João Maria. Como ninguém mo encomendou, ninguém me deve nada. Tenho dito.

esquadra e depois a minha prima soube e foi-me lá tirar e elas tiveram pena de mim e arranjaram-me para a casa do Gaiato.

*Eis aqui uma pequenina página de quanto sofrem no mundo, injusta e imerecidamente, as crianças que veem dar às Casas do Gaiato. O Licínio tem treze anos. Se o virdes, dêis-lhe nove. Os maus tratos, impediram o natural desenvolvimento.*

*Eu tenho que é impossível não vir mais tarde a revoltar-se, o homem que em pequenino assim sofreu.*

*Parece que o homem vem ao mundo para gosar a sociedade e não é bem assim. Esta, a sociedade, é que tem de sofrer por todos, para que cada um se encontre em sua casa.*